

a paisagem
correta



a paisagem correta

AMIR OR



Tradução e organização
Moacir Amâncio



O poeta no meio do redemoinho

Moacir Amâncio

Le don de vivre a passé dans les fleurs!

Valéry

A poesia de Amir Or contém diversas tendências, mas a ideia e a sensação da incompletude pontilham estes poemas na palavra e na cena que se articulam numa coisa só. Porque Amir posiciona-se como poeta na perspectiva de uma sofisticada e ousada imitação do Deus criador de Gênesis a partir do que a palavra se confunde com a coisa criada. Um pouco antes de Amir, a poeta israelense Yona Wolach (1944-1985) já se anunciava como profetisa e, nos seus poemas ela pregava o entendimento e a aceitação desse princípio como uma forma de quebrar o vácuo entre o conceito e a coisa, desde que a pessoa (poeta ou leitor) se inserisse na corrente criadora infinita dada na palavra. Amir avança na proposta poética e expande suas vibrações: tradutor do grego clássico e conhecedor das religiões do espectro budista, incorpora-as ao universo da Criação hebraica num fluxo de renovação particular e geral. Como se sabe, Deus se revela a Abraão como um verbo (Ser-Estar-Sendo) na própria dinâmica das coisas.

Sim, isso remonta ou traz à tona ideias cabalísticas tradicionais que assim desestabilizam lógicas também tradicionais e contemporâneas. Sua poesia é, portanto, poesia do movimento que retorna e se renova na perspectiva do laço sem fim nem começo. Foi o que constatei durante a leitura e durante o trabalho de tradução. A completude só se daria na transformação infinita do verbo. Não por coincidência, é na incompletude do movimento que o tradutor e crítico israelense Rafi Weichert, autor de uma espécie de guia analítico da obra de Or,

tem um de seus focos. O texto foi publicado como posfácio a “Despojo” ou “Butim”, “Saque” ou “Espólio”, ou *Shalal* (HaKibuts haMeuhad, 2013) na origem, antologia que abrange textos escritos de 1977 ao ano da publicação. Essa constatação acabou por nortear a organização dos poemas inicialmente selecionados pelo autor, aos quais acrescentei vários outros que confirmaram minha percepção e, pelo que vejo, uma intenção de Amir Or. Diz Weichert, evocando toda a tradição hebraica mencionada, a propósito do poema “A Língua Diz” (tradução, p. 69):

“A língua é com certeza produto do mundo, mas no instante da materialização como poema, no momento de redação dos versos, ela cria um complexo de relações que existirão de agora em diante. Ela aciona a fala do falante e do leitor, ela realiza o corpo do escritor no corpo do mundo e aproxima o segundo, por meio do enunciado, ao corpo do leitor. Os jogos entre o existente e o não existente são o privilégio da poesia, mas ela pode transformar quatro frequências diferenciadas – mundo, autor, poesia, leitor – numa só entidade, viva e respirando, no sentido de “e serão uma só carne” (Gênesis, 2:24), mas com todas as distinções, divisões e nuances. Os versos que retornam e mudam nesse curto poema são o enunciado e o ouvir, discurso e audição, a tomada e a doação. A língua diz e todos nós, seus senhores e seus servos, somos transformados em ouvintes, em obediência à palavra, para a marcha pelos caminhos que ela cria.” (p. 304-305)

A consciência do inacabado nesta poesia decorre portanto da prática, da existência, da impossibilidade de se encontrar ideias ou situações completas, marco da realidade total, matéria movediça enfim, na qual se dá a palavra criadora divina, além de dogmas e rituais, se mudarmos o tom da exposição de Weichert. Textos deste livro proporcionam essa experiência nas diversas modulações em torno da banalidade diária e da busca dessa síntese expansiva captando-a em verbo, ritmos, imagens. A transcendência existe e se coloca numa dimensão em que a morte desaparece no fluxo vital em que toda a existência participa e se confunde. É dessa maneira que o poeta, e o leitor também, está dentro da viagem: no voo de uma águia, por exemplo, num tempo qualquer, num espaço qualquer, ou tempo-espaço.

Engana-se no entanto quem pensar que Amir Or é um poeta rarefeito trabalhado em abstrações. Porque a sua gnose acontece na

matéria deste mundo que limita a visão humana e nos coloca na camisa de força das tragédias. Apolo pode ser visto e registrado nas paisagens da atual Tel Aviv, na Jerusalém de hoje e de dois mil anos atrás – como se nada tivesse mudado, e aí está o nó. O problema em relação a Maria está no esquecimento da hora sublime da Anunciação. O serviço no Segundo Templo, refletido em “Min’há”, torna-se um filtro da história para que reflita, numa superposição de imagens, a vida burocrática de sempre, pontuada pela assombração das três parcas/matriarcas, anônimas porém. A vida está no registro das “Artérias do Tráfego, dos Altares Gerais, da Família, do Estado, do Trabalho, do Asilo de Velhos – ou do Hospício”, resumindo o trem de tantos momentos na cena contemporânea, onde o sacrifício no Templo é consumado em santa ignorância, evitando, porém, romper o ciclo constrangedor.

Esse poema e o próximo, “Não Longe”, formam um par, ali, o registro da imobilidade ilusória, mas nem por isso menos terrível, simbolizada pela “ampulheta” fluindo “dentro de si mesma”, como alguém muda a posição sem alterar o tempo “presente dentro do presente”, e essa lógica de linhas e planos com que se percebe e reduz a existência, fixando-a num plano reduzido. Ao lado de um Templo, os mendigos exercem a sua função – há um paralelismo entre eles e as Parcas não nomeadas de “Min’há”. Acontece que não há templo nenhum por ali, os atos humanos se esvaziam e são preenchidos de areia que retorna sobre si mesma. Em “Dinastia” há um iluminado que aponta o caminho, após 107 tentativas dos seus pares: “Nano, o centésimo oitavo sábio, olhou ao seu redor e não viu coisa alguma. Ele escutou e não ouviu, tocou e não sentiu nada. Com Nano, dizem os escritos, veio a redenção ao mundo”. Fiquem tranquilos, ninguém percebeu.

O poeta acrescenta um ponto importante no debate sobre a expressão nos últimos 50 ou 60 anos. Os escritores israelenses, até então, estavam, de modo geral, envolvidos com as urgências de uma sociedade construída nos moldes revolucionários do sionismo vinculados a ideias coletivistas que guiaram a implantação de um país no decorrer de poucas décadas, reunindo imigrantes originários de uma centena de outros países onde estruturaram tradições próprias em

torno de um eixo comum, tendo o judaísmo como religião e civilização. Or já se formou num ambiente menos submetido ao peso da sociedade ideológica e, como outros autores, pôde se perceber cidadão do mundo em sua atividade artística, de tradutor, ativista cultural e poeta. Basta ler alguns dos poemas desta antologia para verificar a liberdade com que ele trabalha temas numa perspectiva muito pessoal. Essas são possibilidades de leitura deste livro que ecoa a literatura da *Beat Generation* junto com elementos gregos, orientais, cristãos e judaicos, numa síntese que vai do iconoclasta ao gracioso da flor onde a abelha fertilizadora torna-se a mensageira de Eros, provocando uma associação com “Maria”, na tecla do amor – até o eventual despertar.

O panteão de Amir Or dessacraliza o sublime convencional e poetiza a banalidade da moagem infernal onde seres humanos e animais domésticos, ou não, são reduzidos à condição de consumidores, embora a percepção da possibilidade de se romper a cadeia esteja dentro da rotina que oculta as metamorfoses, as metempsicoses, as transformações constantes e transcendentais na sua mínima realidade. Como o gato de um dos poemas, humanizado pelo narrador que detecta a própria alienação de si mesmo na embalagem plástica das sobras de um restaurante do bairro destinadas ao bichano, ou não. Essa alienação coloca-se na cadeia do afastamento do Uno, que implica tudo e todos, o gato torna-se a possibilidade de vislumbrar a unificação rasgada na história e no dia a dia. Estas são anotações sobre possibilidades de leitura. Cada leitor saberá encontrar tantas outras – é o único modo de superar a metáfora da morte do autor e sua luta com a palavra que não lhe pertence.

Lições

1

cedo pela manhã
a língua do farfalhar
dos galhos ao vento
eu quero aprender

2

sopra também em mim
ensina-me a farfalhar
palavras ao vento

3

estende os meus galhos
ensina-me a ser
a árvore que eu sou

4

do fundo podre ao perfume das flores
meu bom peso – minha duração,
minha vida

5

folhas se elevam
folhas caem
e eu